

Correspondentes estrangeiros e a repercussão do decadentismo-simbolismo na imprensa carioca (1890-1893)

Foreign correspondents and the repercussion of Decadentism-Symbolism in the Brazilian press (1890-1893)

Los corresponsales extranjeros y la repercusión del decadentismo-simbolismo en la prensa brasileña (1890-1893)

Alvaro Santos Simões Junior ¹

Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, Brasil.



RESUMO

Ocorreu em Portugal de 1890 a 1893 um intenso movimento literário sob o influxo da estética decadentista-simbolista que emanava da França desde a década anterior. Pode-se afirmar que redatores e colaboradores brasileiros de jornais e revistas cariocas manifestaram pouco interesse pelo decadentismo-simbolismo português. Porém, deram uma contribuição fundamental para a difusão no Brasil das ideias decadentistas-simbolistas, correspondentes estrangeiros como Xavier de Carvalho e Pinheiro Chagas, do diário *O País*, Fialho de Almeida, do *Jornal do Brasil*, e Maria Amália Vaz de Carvalho e Jaime de Ségurier, do *Jornal do Comércio*. Pretende-se neste artigo, de maneira sintética, elencar os autores e obras divulgados por esses jornalistas/escritores e precisar a forma pela qual o decadentismo-simbolismo começou a ser divulgado no país de Cruz e Sousa.

Palavras-chave: Decadentismo. Simbolismo. Crítica literária. Imprensa.

ABSTRACT

Took place in Portugal from 1890 to 1893 an intense literary movement under the influence of decadent-symbolist aesthetic that emanates from France since the previous decade. It can be said that writers and Brazilian journalists expressed little interest in the Portuguese decadentism-symbolism. However, foreign correspondents as Xavier de Carvalho e Pinheiro Chagas, from *O País*, Fialho de Almeida, from *Jornal do Brasil*, e Maria Amália Vaz de Carvalho, from *Jornal do Comércio* have made a fundamental contribution to the diffusion in Brazil of decadent-symbolist ideas. It is intended in this article, synthetically, list the authors and works divulged by these journalists and specify the way in which the decadentism-symbolism began to be issued in the country of Cruz e Sousa.

Keywords: Decadentism. Symbolism. Literary criticism. Press.

RESUMEN

Tuvo lugar en Portugal de 1890 a 1893, un intenso movimiento literario bajo la influencia de la estética decadente-simbolista que emana de Francia desde la década anterior. Se puede decir que escritores y periodistas brasileños expresaron poco interés en el decadentismo-simbolismo portugués. Sin embargo, corresponsales extranjeros como Xavier de Carvalho y Pinheiro Chagas, de *O País*, Fialho de Almeida, de *Jornal do Brasil*, y Maria Amália Vaz de Carvalho, de *Jornal do Comércio* han hecho una contribución fundamental a la difusión en Brasil de ideas decadentes-simbolistas. En este artículo se pretende, sintéticamente, enumerar los autores y las obras divulgadas por estos periodistas y especificar la forma en que comenzó a emitirse el decadentismo-simbolismo en el país de Cruz e Sousa.

Palabras clave: Decadentismo. Simbolismo. Crítica literaria. Prensa.

Introdução

Apresentam-se aqui brevemente os resultados parciais de uma pesquisa em fase de conclusão sobre a repercussão de obras decadentistas-simbolistas de autores portugueses na imprensa do Rio de Janeiro no período de 1890 a 1893. Nestas poucas páginas, aborda-se uma atividade crítica de características muito peculiares. Trata-se do trabalho de divulgação cultural desempenhado por correspondentes estrangeiros, estabelecidos principalmente em Lisboa e Paris, que no final do século XIX enviavam artigos informativos e crônicas para jornais brasileiros. Em alguns casos, artigos assinados por prestigiados autores europeus eram, sem qualquer cerimônia e muito provavelmente sem contrapartida financeira, simplesmente transcritos de publicações estrangeiras. No período estudado, a maioria dos textos que tratavam do decadentismo-simbolismo era escrita por colaboradores formalmente contratados pelas publicações cariocas e estabelecidos em Lisboa ou Paris. Não se considerou, entre os textos, uma colaboração eventual enviada à *Gazeta de Notícias* por Domício da Gama, que se encontrava de passagem por Lisboa.

Quanto ao volume e à regularidade de suas colaborações, destacavam-se do conjunto Jaime de Séguier e Xavier de Carvalho. Pela contundência e ampla repercussão dos seus textos, maior importância adquiriram os poucos textos assinados por Fialho de Almeida e Pinheiro Chagas, celebridades literárias dos dois lados do Atlântico. Menos conhecido, José Antônio de Freitas publicou sobre a poesia decadentista-simbolista na imprensa carioca textos equilibrados e com informações precisas.

Deve-se acrescentar que o número de textos efetivamente publicados seria maior do que os efetivamente encontrados durante a pesquisa, pois se constatam inúmeras falhas nas coleções hoje remanescentes e há periódicos inteiros cujas edições não ficaram preservadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e das quais não se tem notícia. Apesar dessa inevitável deficiência, pretende-se aqui, de maneira sintética, elencar os autores e obras divulgados por esses jornalistas e definir a forma pela qual o decadentismo-simbolismo começou a ser divulgado no país de Cruz e Sousa.

1 Jaime de Séguier (*Jornal do Comércio*)

No *Jornal do Comércio*, o português Jaime de Séguier respondeu por duas seções distintas, as quais assinava com pseudônimos diferentes. Para Alter Ego, cabia uma seção destinada à resenha dos principais periódicos europeus. Era “O jornal dos jornais”, como sempre precisava o título, embora essa rubrica se combinasse com outras, que se alternavam, à guisa de subtítulo: “Imprensa

parisiense”, “Imprensa francesa”, “Crônica parisiense”, “Crônica estrangeira” etc. Com o pseudônimo Iriel, Séguier publicava no rodapé da primeira página a coluna “Ver, ouvir e contar”, onde desfrutava de maior liberdade para emitir opiniões pessoais.

Em “O jornal dos jornais”, Alter Ego limitava-se muitas vezes a mencionar e apenas resumir artigos publicados em jornais e revistas europeus. Assim, informou seus leitores cariocas acerca da publicação na *Revista dos Dois Mundos* (sic) de artigo de Ferdinand Brunetière sobre o simbolismo. Transcreveu fragmento desse texto alegando que se aplicaria aos que defendiam que “os escritores portugueses de 1891 escrev[essem] como Bernardes e Jacinto Freire de Andrade” (EGO, 27 abr. 1891, p. 2).

Em outra oportunidade, resumiu o enredo da peça *Antônia* (sic), de Édouard Dujardin, para que seus leitores pudessem fazer “uma ideia aproximada do que é um drama simbolista” (EGO, 25 maio 1891, p. 3).

Sendo adverso ao simbolismo, Alter Ego não deixou, porém, de colocar seus leitores a par da publicação nos *Anais Políticos e Literários* (sic) de artigo de Georges Vanor em defesa da nova estética. Transcreveram-se do texto fragmento em que se combate a acusação de “incompreensibilidade”, tantas vezes formulada contra a poesia simbolista, e outro trecho em que Vanor refuta a alegação de Zola de que, a rigor, não havia obras simbolistas. A *Sagesse*, de Verlaine, e os poemas em prosa de Mallarmé seriam, segundo o cronista, “em dez anos” considerados obras clássicas (EGO, 29 jun. 1891, p. 2).

Pela leitura de outros textos, conclui-se que Alter Ego não pensava como Vanor. Ao expor, por exemplo, os argumentos de Caliban, para quem o simbolismo era uma reação à “plethora da produção escrita”, a construção de uma língua “de iniciados, uma língua mandarim”, e que justificou o recolhimento dos poetas em “torres de marfim sem portas nem janelas” como forma de preservar a literatura em sua natureza de “privilégio eterno da elite”, o correspondente do *Jornal do Comércio* declarou não julgar que, para ser “um grande escritor”, fosse necessário “escrever ininteligentemente” (EGO, 22 fev. 1892, p. 1).

Apesar de suas restrições ao decadentismo-simbolismo, que, na verdade, eram esposadas por muitos, Alter Ego não deixou de informar seus leitores sobre os passos de Verlaine, cuja vida boêmia e problemas de saúde sempre interessavam aos jornalistas parisienses.

No rodapé do jornal, como já se afirmou, Jaime de Séguier permitia-se maior liberdade de opinião, embora nesse espaço ainda praticasse a resenha da imprensa francesa. Uma das obsessões de Iriel foi sâr Péladan, Grande Prior Rosa-Cruz, que em “Ver, ouvir e contar” foi definido como “um dos mais divertidos palhaços literários”, detentor, em seus livros, de um “estilo

voluntariamente nebuloso e anfigúrico” (IRIEL, 4 out. 1891, p. 1).

A despeito de seus posicionamentos críticos, comumente repassados de ironia, Jaime de Ségurier foi responsável pela divulgação no Rio de Janeiro de autores, obras e ideias associados ao simbolismo, estimulando o interesse público por eles.

2 Xavier de Carvalho (*O País*)

Em *O País*, o também português Xavier de Carvalho fazia trabalho semelhante ao de Ségurier, mas era simpático ao decadentismo-simbolismo europeu e se considerava amigo de Léon Vanier, “cultor dos decadentes e simbolistas” (CARVALHO, 25 jun. 1891, p. 2) e editor “de todas as refinadas elegâncias da prosa e do verso moderno” (CARVALHO, 18 set. 1891, p. 2). A sua “Carta parisiense” noticiou de maneira favorável a publicação de obras de Albert Saint Paul e de Rimbaud e Tristan Corbière, dois dos *poetas mauditos* de Verlaine. A propósito do poeta da *Sagesse*, Carvalho tinha o privilégio de poder almoçar com ele (CARVALHO, 8 jul. 1891, p. 2) e sempre o tratava com deferência, mesmo quando se referia sarcasticamente aos “novos místicos, esses monges do Éden Teatro, que procura[va]m uma tebaida a preços reduzidos nos braços das *cocottes* do bairro Marbeuf” e cantavam “a Virgem Maria em alexandrinos sem cesura, procurando a absolvição dos pecados galantes” (CARVALHO, 25 set. 1891, p. 2).

Graças à “Carta parisiense”, os leitores de *O País* puderam saber da constituição de uma nova escola poética, a dos *romanos*, que, liderados por Charles Maurras, pretendiam “ressuscitar os velhos ritmos líricos esquecidos, com todo o arcaico vocabulário dos Thibault de Champagne, dos Bertran de Born, dos Peire Vidal” e de poetas dos séculos XI e XV (CARVALHO, 18 set. 1891, p. 2).

Xavier de Carvalho foi também divulgador no Brasil do decadentismo-simbolismo português. Ao tratar dos “livros novos” no fragmento final da crônica de 20 de julho de 1891, o infalível correspondente estrangeiro noticiou a publicação das *Poesias*, de Alberto de Oliveira, cujo título trocou por *Versos de Alberto de Oliveira*, e entrou a dissertar sobre a literatura contemporânea de Portugal. Do livro, disse possuir “impressão magnífica” e conter duas “gravuras admiráveis”, como de fato continha. Em sua opinião, em Paris “não se faria uma edição superior a esta”. As considerações de Xavier de Carvalho sobre os poemas, porém, não foram além da generalidade de dizer que as “rimas tilinta[va]m numa guizalhada satânica, entre o explosir [sic] de mil auroras sob um céu de morango maduro”. Havia, não obstante, mais precisão e pertinência em sua observação de que os “admiráveis

versos” do livro eram “de uma fatura toda moderna, como os versos de [Francis Vielé-]Griffin e de muitos dos novos decadistas” (CARVALHO, 20 jul. 1891, p. 2). Carvalho também destacou o fato de que a segunda parte do livro, “Pores de sol”, era dedicada a Antônio Nobre.

Dessa menção ao futuro poeta do *Só*, surgiu o pretexto para que o cronista pudesse tratar da “nova geração de poetas e prosadores” surgida em Coimbra e no Porto, de cujos membros muitos haveriam de “vingar”, caso não se esterilizassem “no café Suíço e no Camanho, entre a intriguinha barata e o elogio mútuo”. Alberto de Oliveira, em particular, estaria fadado ao sucesso e constituía com seu amigo Nobre e Alberto Osório de Castro, Agostinho de Campos, Oliveira Alvarenga, Eugênio de Castro, Antônio de Oliveira Soares e Raul Brandão a “falange” que deveria triunfar sobre a “esterilidade do meio literário lisboeta”. Tal floração não seria casual, pois, em sua opinião, fora “no norte que se robusteceram quase todos os grandes mestres da moderna literatura portuguesa” como, em sua opinião, Antero de Quental e Teófilo Braga. Em breve consideração formal sobre as *Poesias*, de Alberto de Oliveira, o corresponde estrangeiro notou que o seu compatriota adotara os alexandrinos com cesuras na quarta e oitava sílabas poéticas, que eram então “muito usados pela moderníssima geração lírica francesa, sobretudo pelos poetas de Bruxelas”. Carvalho confessou, no entanto, que, em seus ouvidos acostumados ao alexandrino tradicional, composto de dois hemistíquios, os novos soavam “sem harmonia”. Reconheceu, apesar disso e com boa vontade, que era apenas “questão de habituar o ouvido à nova cadência”. Informou ainda que o novo verso era chamado pela crítica parisiense de “trimetre” e que Vielé-Griffin ousara criar um alexandrino composto por oito mais quatro sílabas poéticas (CARVALHO, 20 jul. 1891, p. 2).

Notável nesse texto é o protagonismo que Xavier de Carvalho atribuiu a Alberto de Oliveira, colocando em uma posição secundária Eugênio de Castro, que se considerava (e era por alguns considerado) líder dos jovens poetas portugueses. Apesar do enfático apoio desse jornalista, o próprio autor das *Poesias* reconhecera implicitamente sua inferioridade ao limitar-se a partir de 1892 a ser apenas defensor e divulgador da obra do amigo Antônio Nobre.

3 Fialho de Almeida (*Jornal do Brasil*)

Fialho de Almeida, o temido panfletário do hebdomadário lisboeta *Os Gatos*, tornou-se correspondente estrangeiro do *Jornal do Brasil*, onde publicou com antecedência artigos que semanas depois iria divulgar na sua revista. Graças à sua colaboração, souberam os leitores cariocas que Verlaine e outros decadistas ou

simbolistas estavam sendo imitados em Portugal como demonstravam publicações em jornais e “pequenos volumes de tipografia exótica” (ALMEIDA, 13 jun. 1891, p. 1). Segundo o jornalista português, tais imitadores eram “rapazinhos joviais e bem portados, com a digestão fácil, a alegria pronta, e coração sujeito a um tic-tac de que nenhuma comoção violenta altera o ritmo” (ALMEIDA, 13 jul. 1891, p. 1). Por essa razão, Fialho de Almeida não aceitava que se apresentassem em público como representantes portugueses da literatura “pessimista, eroto-mística, inconfidente, epileptizada da dor de viver, com desejos de morte e terrores da sepultura” etc. Para o polemista de *Os Gatos*, tudo evidentemente não passava de impostura desses êmulos de Verlaine:

Não me sofre [...] o ânimo d’assistir impassível a profissões de fé feitas de cor, e a mascaradas grotescas em que rapazes válidos, regorjitantes de força e alegres como a luz, vêm para as *vitrines* dos livreiros alardear decrepitudes precoces e fazer praça de bizarras pouco harmônicas com o justo equilíbrio dos seus nervos (ALMEIDA, 13 jun. 1891, p. 1).

Como revelavam os seus textos, Fialho de Almeida tinha pleno conhecimento da literatura francesa contemporânea e reconhecia que, diante da permanência do romantismo entre os parnasianos e do fracasso ou da impossibilidade de uma poesia naturalista, a “geração novíssima” tinha encontrado em Baudelaire a saída para o impasse. A poesia de Mallarmé seria uma reação à “chatinagem zolaica”, mas, em sua opinião, não se poderia dizer se seus versos possuíam sentido ou se, ao contrário, não passavam de “sinfonias labiais, de combinações acústicas destinadas a impressionar apenas pela cadência e pelo ritmo, à semelhança da música”. Porém, após citar o poema de Verlaine em que figura o célebre verso “De la musique avant toute chose” (*Jadis et naguère*, 1884), o jornalista assim simplificou e ridicularizou os propósitos simbolistas, aludindo a um livro do poeta (*Romances sans paroles*, 1874):

Isto em linguagem plebeia quer dizer que a poesia, cansada de fazer escultura e pintura em verso, decide-se a explorar agora a música e a fazer romances sem palavras. Para atingir mais este cimo o que faz ela? Faz ramilhetes de frases ininteligíveis, dá forma rítmica a palavras sem pensamento e a isto chama simbolismo (ALMEIDA, 14 jun. 1891, p. 1).

Quanto à tentativa de doutrinação estética que se verificou no prefácio de *Horas*, de Eugênio de Castro, Fialho de Almeida, que, como se viu, não acreditava na sinceridade do poeta, tratou das propostas com ironia: “É nada menos do que uma poética nova, do que um

ideal novo, do que uma língua, uma imaginação, uma eufonia e um ritmo inteiramente inéditos e desconhecidos até hoje, o que ali se promete...”. Esclarecendo que não combatia o decadismo como um todo, mas os seus imitadores portugueses, afirmou que a decadência desses estaria “simples e puerilmente em certos rebuscados de forma, vícios de estrutura gramatical, e obscuridades de glossário, que [eram] o que os mestres franceses [tinham] de mais ridículo e de pior”. Mencionou, a propósito, a heterometria, a inclusão de trechos em prosa e o “instrumentismo”, entendido como atribuição de sentido musical às vogais (ALMEIDA, 13 jul. 1891, p. 1).

Junto a Pinheiro Chagas, Fialho de Almeida provavelmente contribuiu com sua popularidade para que se constituísse no Brasil uma visão negativa a respeito do decadentismo-simbolismo, especialmente o português. O temido panfletário rebaixou os nefelibatas a meros imitadores dos franceses e acusou-os de não escrever com sinceridade por estarem apenas preocupados em seguir de perto a moda parisiense.

4 Pinheiro Chagas (*O País*)

Pinheiro Chagas atuou como colaborador regular do diário carioca *O País* de 1884 até sua morte, ocorrida em 1895. Do alto dessa tribuna, pôde acompanhar o surgimento e a afirmação em Portugal da nova geração de poetas que procurava introduzir em sua pátria as novidades decadentistas-simbolistas difundidas principalmente pela França. Com dois artigos, publicados em 9 de janeiro (“Os nefelibatas”) e 19 de julho de 1892 (“Só”), o romancista, dramaturgo, jornalista e poeta português avaliou as principais obras dos chamados “novos” de então, a saber: *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891), de Eugênio de Castro, e *Só* (1892), de Antônio Nobre. Quando esses artigos já suscitavam comentários em Lisboa, graças a alguns números do jornal carioca que passavam de mão em mão e a transcrições de fragmentos na imprensa lisboeta, o *Correio da Manhã*, dirigido pelo próprio Pinheiro Chagas, publicou os artigos na íntegra em primeiro de fevereiro e 15 de agosto de 1892, respectivamente. A respeito de *Os simples* (1892), do veterano Guerra Junqueiro, o primeiro texto foi publicado em 3 de junho de 1892 no periódico de Lisboa para somente depois ser transcrito na folha do Rio de Janeiro. No entanto, o texto de *O País*, publicado em 16 de agosto de 1892, continha acréscimos que não constavam da primeira publicação e eram essencialmente favoráveis ao autor de *A velhice do Padre Eterno*.

No artigo “Os nefelibatas”, Pinheiro Chagas zombou da pretensa distinção de Eugênio de Castro, denominado chefe de escola por René Ghil em entrevista que este

havia concedido ao jornalista Jules Huret,¹ e destacou o fato de que o poeta francês afirmara existir no mundo vinte e seis adeptos da “escola evolutivo-instrumentista”. Sobre essa inflação de discípulos, não deixou de observar: “Vinte e seis instrumentistas! Não é uma escola, é uma filarmônica!” Apesar desse início mordaz, declarou Chagas não pretender “motejar” dos inovadores, porque estes “tirariam glória” das zombarias. Apontou como índice do equívoco das novas escolas a “indiferença pública”, mesmo sabendo que alegariam estar o público “imerso na rotina” e, dessa forma, ser incapaz de reconhecer o seu valor. Chagas também denunciou o caráter artificial do movimento de renovação:

Os adeptos da nova escola poética imaginaram sobretudo, por um incrível desconhecimento da história, que se criem escolas poéticas, da mesma forma que há quem imagine que se criam línguas. As evoluções literárias não se fabricam no cérebro de um sujeito, resultam da evolução natural do espírito humano (CHAGAS, 9 jan. 1892, p. 1).

A propósito dessa última asserção, forneceu exemplos históricos, da Renascença ao Romantismo, das grandes transformações literárias, mas não deixou de lado a comparação com a atualidade portuguesa de então: “Julgam os nefelibatas por acaso que Lamartine pensou de um dia para o outro em procurar moldes novos para a literatura do seu tempo? Nem por sombras ...”. Lamartine, Musset e Baudelaire teriam sido revolucionários porque “exprimiam sinceramente o que pensavam e sentiam”. Dessa ponderação, resultou a conclusão do artigo: “Portanto caros evolucionistas instrumentistas, convencei-vos de que nada conseguis com as vossas caixinhas de papelão, com os vossos artificios por mais sábios que sejam” (CHAGAS, 9 jan. 1892, p. 1).

No artigo escrito a propósito da publicação do *Só*, de Antonio Nobre, Chagas tratou da geração dos poetas novos, uma geração “deliquescente, fatigada sem ter trabalhado, enervada sem ter lutado”, “sifilizada e dessorada, sem músculos e sem sangue”. Não faltou ao cronista o sal da ironia: “Na idade em que os Romanos tomavam toga viril, põem eles bibes!”; “o Sr. Antônio Nobre, quando fala de si, diz sempre ‘Antônio’! Coitadinho do *bébé*”. Como já fizera no artigo anterior sobre os nefelibatas, o crítico condenou nos novos o “artificialismo e convencionalismo”. Além dessas críticas ácidas, o texto continha observações até certo ponto elogiosas a respeito da poesia de Nobre, que conseguira forjar imagens belíssimas e originais, embora, às vezes, sua preocupação

com a novidade o fizesse criar “disparates” (CHAGAS, 19 jul. 1892, p. 2). Chagas concluiu o seu texto manifestando a expectativa de que, no futuro, Nobre fosse libertando-se do artificialismo nefelibata.

O terceiro artigo, sobre *Os simples*, iniciou-se com a apreciação do livro de Guerra Junqueiro, escrita, segundo Chagas, “ao correr da pena” e já divulgada no *Correio da Manhã*, de Lisboa, em 3 de junho. Nessa primeira parte, haviam breves considerações sobre vários poemas do livro, mesclando-se elogios e reparos críticos. Embora reconhecesse que *Os simples* possuíam “páginas verdadeiramente admiráveis”, começou por observar que fatigava “às vezes um pouco” a “repetição quase incessante do mesmo ritmo”. Depois de dizer que se entusiasmara com o poema “Prelúdio”, afirmou que Junqueiro quis, com a “A moleirinha”, provar que, ao “fazer nefelibatismo”, o fazia “melhor que todos os outros juntos”. Desse poema, citou versos em que se atribuem pensamentos a um burro, para quem as estrelas eram “milho loiro” e a lua, “mó de jaspe”. O trecho suscitou comentário sarcástico de Chagas:

O Sr. Eugênio de Castro fez da lua peneira, o Sr. Antônio Nobre leiteira, o Sr. Guerra Junqueiro mó de moinho. A noite para o Sr. Eugênio de Castro é padeira, para o Sr. Antônio Nobre dona de uma vacaria, para o Sr. Guerra Junqueiro moleira.

Pobre noite! E pobre lua! Cáiram em boas mãos!² (CHAGAS, 16 ago. 1892, p. 1).

Se para o correspondente estrangeiro do matutino carioca *O País* o poema “O cadáver” era “admirável”, “Ermidas”, “encantador”, e “O pastor”, uma “obra-prima”, o “Campo santo” não passava de uma “estopada”. Já “O cavador”, que considerou uma “poesia dilacerante de tom”, ficaria prejudicado pelo cansaço proporcionado pelo “dobro de sinos constante” do restante do livro. Para Chagas, o “Epílogo” seria “soberbíssimo”; dele transcreveu uma estrofe que o teria feito “correr as lágrimas de um modo irresistível”. Na continuação escrita apenas para seus leitores brasileiros, o cronista desenvolveu um pouco mais a comparação entre o “Prelúdio”, poema de abertura, e o “Epílogo”, parte final do volume. Chagas condenou a solução alegórica adotada para o primeiro, porque, em sua opinião, “quando um poeta de gabinete, um épico erudito, ainda que se chame Virgílio, começa a fazer esforços para criar alegorias, para transformar em entes que a sua fantasia laboriosamente fabrica os seres

¹ Huret entrevistou vários escritores contemporâneos e publicou os resultados de seu trabalho em *L'Écho de Paris* de 3 de março a 5 de julho de 1891. A reunião dessas entrevistas deu origem ao livro *Enquête sur l'évolution littéraire* (1891).

² Pinheiro Chagas aludia às *Horas*, de Eugênio de Castro, onde se lê: “E a Padeira-Noite põe-se a peneirar / Na peneira-Lua a farinha-Luar” (CASTRO, 1891, p.21). No caso de Antônio Nobre, referiu-se ao primeiro terceto do poema “Ca(ro) Da(ta) Ver(mibus)”, que consta da primeira edição do *Só* (1892, p. 126-31). Os versos de Nobre são os seguintes: “As horas do crepúsculo, ao *Bendito*, / Quando a formosa Lua, a leiterinha, / Vai dar o leite às casas do Infinito...”.

da vida real, os sentimentos da sua alma, nada há mais fatigador e mais fastidioso” (CHAGAS, 16 ago. 1892, p. 1).

Após prever que Junqueiro ainda seria reconhecido como “um dos grandes poetas portugueses” do século XIX, que de *A morte de D. João* e *A velhice do Padre Eterno* sobreviveriam “largos trechos” do “naufrágio” do conjunto e que de *A musa em férias* e *Os simples* seria extraída uma “seleta” destinada a “encantar” os pósteros, Chagas acusou o poeta de escrever “A moleirinha” por não gostar de ser precedido por “inovadores de qualquer espécie”, por receio de ser considerado “fora de moda”, por temer que o público abandonasse *Os simples* para “se extasiar com as audácias do *Só*, de Antônio Nobre”, e por não se conformar com “um passageiro eclipse da popularidade que o inebria[va]” (CHAGAS, 16 ago. 1892, p. 1).

No fragmento final, o cronista tomou o poema “Cadáver” como indício de inflexão no espírito do poeta que, invadido por um “sopro panteístico”, já não seria capaz de escrever o prometido livro *A morte de Jeová*, completando a trilogia demolidora aberta por *A morte de D. João* (1874) e *A velhice do Padre Eterno* (1885). Não era, assegurou, a conversão completa do poeta ao catolicismo, mas indicação de que sua alma se voltava, “compungida e anelante, para os ideais da crença, ainda vaga e indefinida” (CHAGAS, 16 ago. 1892, p. 1).

Embora suas críticas aos nefelibatas não fossem exatamente originais, Pinheiro Chagas as recobriu com o prestígio do seu nome e criou em Portugal grande expectativa pela leitura integral dos seus textos publicados primeiramente no Brasil. Suas opiniões eram de tal forma acatadas que Eugênio de Castro reagiu energicamente contra elas³. Até então o “chefe” dos nefelibatas vinha enfrentando com inabalável indiferença críticas, paródias, insultos etc.

5 José Antônio de Freitas (*Jornal do Comércio*)

Nascido no Maranhão, José Antônio de Freitas mudou-se ainda criança para Portugal, de onde enviava os textos para o seu rodapé intitulado “O que vai por aí”, em uma clara demonstração de que entendia seu trabalho como um esforço para colocar os leitores do *Jornal do Comércio* a par do que se passava no Velho Continente. Em 4 de julho de 1892, reservou duas colunas e meia para tratar de *Os simples*, que considerou “ao mesmo tempo a obra de um pensador e de um homem de letras”. Em sua obra lírica, Junqueiro teria pretendido representar a

“vida singela e primitiva” de “boas e santas criaturas”, encarnando em um “certo número de personagens” como um pastor, a moleirinha, o cavador etc. Tal representação teria sido, porém, coordenada pelo “ponto de vista particular” ou pelo “estado de consciência” do artista, o qual, assim, se confundia com suas personagens. O cronista, que assinava seus textos com o pseudônimo de Raul, abreviou suas considerações alegando não dispor de mais espaço para tratar do novo livro e do seu autor em função dos outros assuntos que então solicitavam sua atenção. Mas, ainda assim, qualificou Guerra Junqueiro de “virtuose incomparável”, considerou alguns poemas do livro como “trechos magníficos, partos de uma imaginação opulenta, de uma alma sonora e generosa” e atribuiu ao livro como um todo, entre outras qualidades, “uma elevadíssima concepção de arte” (RAUL, 4 jul. 1892, p. 1).

Coube ainda a Raul fazer o único balanço das polêmicas desencadeadas em Portugal pelos prólogos de *Oaristos* e *Horas* e por artigos publicados por Eugênio de Castro. Em seu rodapé datado de “Lisboa, 28 de junho de 1892”, deu inicialmente uma breve notícia das divisões entre os simbolistas franceses para depois tratar da chegada do simbolismo a Portugal pelas mãos de Eugênio de Castro, que, segundo o cronista, passara a combater os “poetas nacionais” por julgá-los “no tocante a vocabulário de uma pobreza franciscana” e “poltrões” a ponto de temerem “o vertiginoso correr do *expresso da Originalidade*”. A escola logo teria recebido adesões de *novos* que se declararam, como o mestre, “nefelibatas”. Dessa forma, Raul resumiu o impacto dos citados prólogos. Para o correspondente estrangeiro, apenas o poeta de *Oaristos* tinha talento; os outros “novos” seriam apenas “operários” sem “gramática” e “harmonia”, demolidores da rima. Por irritar-se com seus companheiros canhestros, Eugênio de Castro teria com eles rompido mediante artigo publicado no *Jornal do Comércio*, de Lisboa, em 12 de junho de 1892, onde os chamara de “bando de bêbedos voltando de uma romaria” e os acusara de plágio. Raul mencionou também uma polêmica que opôs Eugênio de Castro e Jaime Vítor, que reduziu a uma troca de insultos, mas garantiu que o público ficara satisfeito com as declarações de independência por parte do poeta dos *Oaristos*, pois então se acreditava que, assim, livre dos exageros e extravagâncias nefelibatas, ele poderia “ir longe” (RAUL, 16 jul. 1892, p. 1).

Com esse texto, Raul fez jus ao protagonismo de Eugênio de Castro, atraindo para o jovem poeta português a atenção do público carioca, justamente no momento em que *Os simples*, de Guerra Junqueiro, eram intensamente promovidos pela imprensa local, graças ao apoio da livraria Garnier, responsável pela venda da obra no Rio de Janeiro.

³ A esse respeito, ver Simões Jr. (2015).

6 Maria Amália Vaz de Carvalho (*Jornal do Comércio*)

Entre os correspondentes estrangeiros efetivos, deve-se relacionar a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, viúva de Gonçalves Crespo, poeta parnasiano de origem brasileira. Embora colaborasse com admirável regularidade no *Jornal do Comércio*, a conhecida escritora limitou-se nesse jornal carioca a publicar uma resenha sobre *Os simples*, obra lírica de Guerra Junqueiro. Na imprensa portuguesa, ao contrário, pronunciou-se sobre a poesia dos jovens decadentistas-simbolistas, aparentemente liderados por Eugênio de Castro. A respeito do livro que avaliava, Vaz de Carvalho fez questão de assinalar que os “artifícios literários” nele presentes não resultavam de uma imitação de Eugênio de Castro ou Antônio Nobre, mas sim de uma aproximação da “escola artificial” de Verlaine e outros franceses. A cronista subscrevia, assim, as alegações da nota com que se encerravam *Os simples*, na qual Guerra Junqueiro dizia nada dever aos decadentistas-simbolistas portugueses, pois a redação de seus poemas, declamados publicamente quando ainda se encontravam inéditos, precedia a publicação das obras daqueles jovens poetas. Vaz de Carvalho, porém, aconselhou o autor de *A velhice do Padre Eterno* a evitar as “notas em prosa” acrescentadas aos versos, com as do “Prelúdio”, e outras humilhantes “transigências” e “doutrinas” consideradas por ela “mesquinhas, limitadas e convencionais” (CARVALHO, 24 jul. 1892, p. 2).

Considerações finais

A despeito do reconhecido “caráter literário” dos jornais *Gazeta de Notícias* e *Cidade do Rio*, dirigidos, respectivamente, pelos verdadeiros mecenas Ferreira de Araújo e José do Patrocínio, desempenharam um papel muito importante na divulgação do decadentismo-simbolismo o tradicionalíssimo *Jornal do Comércio* e o órgão republicano *O País*, que no período de 1890 a 1893 ou mantiveram contratos formais com correspondentes estrangeiros estabelecidos em Paris ou Lisboa ou traduziram artigos de publicações estrangeiras sobre as novidades literárias europeias.

Não obstante eventuais restrições formuladas ao hermetismo, ao formalismo vazio e à falta de sinceridade dos decadentistas-simbolistas franceses, que faziam ostentação de seu misticismo, Jaime de Séguier, Xavier de Carvalho, Fialho de Almeida, Pinheiro Chagas e outros correspondentes ajudaram a tornar conhecidos no Brasil os nomes de Mallarmé, Rimbaud, René Ghil, Moréas, Tristan Corbière etc. Quanto a Verlaine, até os seus hábitos mais íntimos se tornavam conhecidos graças

à correspondência parisiense. Construía-se assim uma celebridade literária.

No caso dos nefelibatas portugueses, Fialho de Almeida e Pinheiro Chagas ridicularizaram as pretensões de Eugênio de Castro, que nos prefácios de *Oaristos* e *Horas* criticou a poesia contemporânea e esboçou diretrizes doutrinárias para os jovens poetas de Portugal. José Antônio de Freitas foi o único que proporcionou aos leitores cariocas informações detalhadas sobre o movimento decadentista-simbolista português, mencionando as polêmicas desencadeadas pelo protagonismo de Eugênio de Castro, que, depois de denunciar o esgotamento da poesia contemporânea e “duelar” com Pinheiro Chagas, acabaria rompendo com os demais “nefelibatas”, talvez “enciumado” com o crescente interesse despertado pela obra de Antônio Nobre. Porém, Freitas, junto a Maria Amália Vaz de Carvalho, dedicou maior atenção à obra do veterano Guerra Junqueiro, em detrimento dos demais livros nefelibatas. Críticos e cronistas brasileiros também se interessaram muito mais por *Os simples* do que pelas obras pioneiras de Eugênio de Castro. Xavier de Carvalho, em particular, acabou por atribuir grande importância às *Poesias*, de Alberto de Oliveira, que não passavam de uma obra secundária. Além disso, o correspondente de *O País* fez questão de associar o movimento de renovação literária ao Norte de Portugal, dando assim novas cores à velha rivalidade de Coimbra e Porto com a “burocrática” Lisboa.

Embora se possa considerar que as intervenções desses correspondentes estrangeiros fossem afetadas por concepções apriorísticas, temperamentos belicosos (Fialho de Almeida) e afinidades pessoais, que muitas vezes levaram a uma evidente parcialidade de julgamento, seus textos, enviados regularmente pelos pacotes, colocaram os brasileiros a par do movimento literário português, tornando conhecidos os jovens “nefelibatas” e promovendo o interesse pela obra lírica do veterano Guerra Junqueiro. Tanto os textos ricos de informações e simpatia pelos “novos”, escritos por Xavier de Carvalho e José Antônio de Freitas, quanto as farpas de Fialho de Almeida e o sarcasmo de Pinheiro Chagas serviram igualmente para retirar do anonimato os nomes de Alberto de Oliveira, Antônio Nobre e Eugênio de Castro, que já eram notabilidades literárias do outro lado do Atlântico. Já Maria Amália Vaz de Carvalho, assim como José Antônio de Freitas, contribuiu para reforçar a divulgação favorável de *Os simples* no Brasil, na qual se empenharam muitos brasileiros. Em todos os casos, os correspondentes estrangeiros divulgaram para leitores acostumados à rigidez rítmica e à previsibilidade parnasiana uma poesia inclinada ao experimentalismo formal e à busca incansável da originalidade temática.

Referências

- ALMEIDA, Fialho de. Os “nefelibatas”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 jun. 1891.
- ALMEIDA, Fialho de. Os “nefelibatas”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1, 14 jun. 1891.
- ALMEIDA, Fialho de. Os “nefelibatas”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 jul. 1891.
- BOURGET, Paul. Os limites do realismo, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 26 mar. 1893.
- CARTA de França, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. maio 1892.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os simples. A poesia contemporânea – Guerra Junqueiro, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jul. 1892.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jun. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 8 jul. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 20 jul. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 18 set. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 set. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 22 out. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 7 nov. 1891.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. maio 1892.
- CASTRO, Eugênio de. A poesia moderna, *Jornal do Comércio*, Lisboa, p. 1, 12 jun. 1892.
- CASTRO, Eugênio de. *Horas*. Coimbra: Manuel de Almeida Cabral, 1891.
- CHAGAS, Pinheiro. Livros, folhetos e revistas, *Correio da Manhã*, Lisboa, p. 2, 3 jun. 1892.
- CHAGAS, Pinheiro. Os nefelibatas, *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 9 jan. 1892.
- CHAGAS, Pinheiro. Simples, *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 ago. 1892.
- CHAGAS, Pinheiro. Só, *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 19 jul. 1892.
- CHILD, Theodore. Paris literário, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 23 out. 1892.
- EGO, Alter [pseudônimo de Jaime de Séguier]. Crônica estrangeira (o jornal dos jornais), *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 24 ago. 1893.
- EGO, Alter. Crônica estrangeira (o jornal dos jornais), *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 24 ago. 1893.
- EGO, Alter. Crônica parisiense. O jornal dos jornais, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 fev. 1892.
- EGO, Alter. O jornal dos jornais. Imprensa parisiense, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 27 abr. 1891.
- EGO, Alter. O jornal dos jornais. Imprensa francesa, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2-3, 25 maio 1891.
- EGO, Alter. O jornal dos jornais. Imprensa francesa, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2-3, 29 jun. 1891.
- HURET, Jules. *Enquête sur l'évolution littéraire*. Paris: Charpentier, 1891.
- IRIEL [pseudônimo de Jaime de Séguier]. Ver, ouvir e contar, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 4 out. 1891.
- IRIEL. Ver, ouvir e contar, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 abr. 1892.
- MARCO, A. Colaboração europeia. Espiritualismo, religião, ciência e bruxaria, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 24 abr. 1892.
- NOBRE, Antônio. *Só*. Paris: Léon Vanier, 1892.
- OS DECADENTES, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 20 ago. 1891.
- RAUL [pseudônimo de José Antônio de Freitas]. O que vai por aí, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 4 jul. 1892.
- RAUL. O que vai por aí, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 jul. 1892.
- SIMÕES JR., A. S. Pinheiro Chagas e os nefelibatas, *Revista USP*, São Paulo, v. 105, p. 113-22, abr.-jun. 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i105p113-122>

Recebido em: 17/03/2019.
Aprovado em: 28/03/2019.
Publicado em: 21/06/2019.

Autor:

ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR
Doutor em Letras pela UNESP. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa, proc. 306030/2012-8) e da FAPESP (auxílio à pesquisa – regular, proc. 2014/15709-8).
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5269-7108>
E-mail: alvaro.simoess@unesp.br
Endereço: Av. Dom Antônio, 2100 – Parque Universitário 19806-900, Assis, SP, Brasil